[TÍTULOS]
Cinco cenários para a Europa: é o livro branco do futuro da União Europeia a 27, apresentado por Jean-Claude Juncker

O Conselho Europeu escolhe esta semana um novo Presidente. Donald Tusk é favorito à recondução no cargo, mas há mais nomes que podem entrar na corrida

A Agência Europeia dos Direitos Fundamentais celebra 10 anos. O trabalho realizado e as prioridades para o futuro em análise neste programa
[FIM DOS TÍTULOS]

Bem-vindos ao Magazine Europa,

O Presidente da Comissão Europeia apresentou na semana passada o Livro Branco sobre o Futuro da Europa até 2025. A ideia é lançar o debate antes da celebração dos 60 anos do tratado de Roma, agendada para o final deste mês. Jean-Claude Juncker considera que a data não deve servir apenas para festejar um aniversário; deve servir também para marcar o nascimento da União Europeia a 27:

RM – Jean-Claude Juncker:
"Ao mesmo tempo que viramos a página e começamos um novo capítulo na nossa história, é tempo de encontrarmos novas respostas para uma pergunta tão antiga quanto a nossa União é nova: para onde vais, Europa, a 27?"

O documento elaborado por Jean-Claude Juncker não oferece respostas, mas antes interrogações. Do livro branco constam cinco cenários possíveis para o futuro do bloco europeu, aqui resumidos pelo jornalista Rui Cid, da Rádio Macau:

RM – Rui Cid:
"Cenário número 1: avançar com o que há. A ideia é ir adaptando as medidas à realidade do momento, actualizando as reformas regularmente e encontrando soluções para os problemas à medida que eles vão surgindo.
No segundo cenário, encontramos uma Europa virada para o mercado único, devido à falta de consenso em torno de outros aspectos da integração, como a imigração ou a defesa. É uma Europa em que questões que opõem Estados membros são resolvidos caso a caso, através de acordos bilaterais.
O cenário número 3 indica que a União Europeia a 27 continua como hoje em dia, mas permite que Estados membros interessados

em fazer mais se unam para o fazer, nomeadamente em áreas como a defesa, a segurança interna, assuntos sociais ou matérias fiscais. A Comissão Europeia antevê aqui a emergência daquilo a que chama de 'coligações de vontade'.
No quinto e último cenário, a União Europeia decide fazer muito mais e melhor em todas as áreas. Os Estados membros assumem que o bloco como está e cada país por si não estão bem equipados para enfrentar os desafios actuais. Há um reforço da cooperação, com as decisões a serem mais rapidamente tomadas e implementadas, mas há o risco de alienar partes da sociedade que entendem que falta legitimidade à União Europeia ou que esta tem tira demasiado poder às autoridades nacionais."

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

Olá, Victor, algum destes cenários deve ser o caminho a seguir na Europa?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que cada vez mais vamos no sentido de uma Europa com vários níveis de ambições. Aquilo a que alguns chamam uma Europa a diferentes velocidades, mas que na realidade não é uma Europa a diferentes velocidades, porque alguns não têm mesmo velocidade nenhuma. Ou seja, têm pouca ambição em relação à sua integração no espaço europeu. Iremos assistir cada vez mais a uma Europa de círculos em que, num dos círculos, haverá um conjunto de países que tem uma ambição comum bastante ampla e, por isso, vai avançar bastante em matérias de integração na área da defesa, da segurança interna, da fiscalidade, da macroeconomia, e mesmo dos assuntos sociais. Também vai avançar bastante na área das relações exteriores da União Europeia. E depois teremos outros países, noutros círculos, que avançarão nalgumas destas áreas, não avançarão noutras. E provavelmente teremos um terceiro círculo que será apenas um círculo pouco mais que o mercado único."

Houve quem criticasse a Comissão Europeia por oferecer cenários hipotéticos em vez de uma proposta concreta de acção para o futuro. Como olha para esta opção de Jean-Claude Juncker?

RM – Victor Ângelo:
"A apresentação de cenários foi certamente a posição mais inteligente. Neste momento em que é pouco claro quais são os objectivos, qual é o nível de ambição de cada um dos

dirigentes europeus, seria pouco prudente avançar imediatamente com um ou dois cenários. Penso que é importante também apoiar a posição de Jean-Claude Juncker. Neste momento, seria um erro criticar publicamente Jean-Claude Juncker porque, na realidade, isso enfraqueceria a sua posição."

O Conselho Europeu deverá eleger um novo Presidente esta semana. Os Chefes de Estado e de Governo da União Europeia reúnem-se na quinta e na sexta para debater quem vai desempenhar o cargo actualmente ocupado por Donald Tusk.

O actual presidente do Conselho Europeu já se mostrou interessado num segundo mandato. Mas não tem o apoio do seu país, a Polónia, e há outros nomes na corrida, como nos conta a jornalista da Rádio Macau, Sónia Nunes:

RM – Sónia Nunes:
"Donald Tusk está disposto a continuar a presidir ao Conselho Europeu e parece contar com o apoio necessário para o conseguir. O antigo primeiro-ministro da Polónia assumiu o cargo em Dezembro de 2014, altura em que substituiu o belga Herman Van Rompuy, o primeiro a desempenhar essa posição. Hoje, e de acordo com algumas agências internacionais, conta com o apoio de vários líderes europeus.
Varsóvia já fez saber que não apoia esta recandidatura. Em vez disso, o Governo polaco apresentou no sábado um outro candidato: o eurodeputado de centro-direita Jacek Saryusz Wol-ski, que até este anúncio era membro da Plataforma Cívica, a principal força de oposição na Polónia e um partido que Donald Tusk chegou a liderar. No domingo, no entanto, o Partido Popular Europeu, família política a que ambos pertencem, avisou que Tusk é o único candidato do partido e que Saryusz Wolski pode ser expulso do PPE se o desafiar na corrida.
Outro nome falado como potencial concorrente ao cargo de Presidente do Conselho Europeu é o de François Hollande. O ainda Presidente Francês, que goza de pouca popularidade em França, já disse que gostaria de desempenhar essas funções, mas não é claro se vai mesmo candidatar-se a esse lugar.
Outro nome falado no último fim-de-semana foi o do Primeiro-Ministro irlandês, Enda Kenny. Mas também aqui não há certezas."

Victor, é provável que Donald Tusk obtenha um segundo mandato como presidente do Conselho Europeu?

RM – Victor Ângelo:
"Donald Tusk tem o apoio do seu grupo partidário, o Partido Popular Europeu, e tem, neste momento, o apoio de todos os Chefes de Estado e de Governo, com excepção do polaco. Por isso, à partida, Donald Tusk tem quase todas as condições para voltar a ser eleito Presidente do Conselho Europeu. A Presidência do Conselho Europeu é muito importante. Cada vez mais o Presidente do Conselho Europeu é o personagem que aparece publicamente a falar da Europa política, enquanto que o Presidente da Comissão Europeia aparece a falar da Europa mais técnica e da Europa que executa. Por outro lado, Donald Tusk, não tem o apoio do seu governo. E a tradição nestas coisas é que é muito difícil uma candidatura vingar quando ela não tem o apoio do governo do país de onde vem essa pessoa. No entanto, neste caso, temos uma situação relativamente excepcional que é o facto de termos em Varsóvia um governo extremamente conservador, muito à direita e um governo que é muitas vezes criticado por outros governos europeus. Eu penso, no entanto, que o facto de ele não ter o apoio do governo polaco pode pesar nas deliberações. O candidato que foi apresentado pelo Governo polaco não tem hipóteses, porque nunca foi Chefe de Governo ou Chefe de Estado, e é muito provável que surja um outro nome durante as deliberações."

Fala-se na hipótese de François Hollande concorrer ao cargo. Tendo em conta a fraca popularidade que conseguiu reunir em França, parece-lhe que é um bom candidato para a presidência do Conselho Europeu?

RM – Victor Ângelo:
"François Hollande tem alguns aspectos positivos. Por um lado, foi durante os últimos cinco anos Presidente da República, [e] de um país muito importante na União Europeia. Por outro lado, pertence à família socialista e, por uma questão de equilíbrio político na Europa seria importante que a Presidência do Conselho Europeu fosse atribuída a um dirigente socialista europeu. Mas também tem alguns problemas, tem uma questão de imagem, nomeadamente em França, que é relativamente modesta, uma imagem fraca, em termos de apoio da opinião pública. Neste momento, eu penso que é uma hipótese relativamente distante por causa de todas estas circunstâncias. É preciso que François Hollande abandone [durante um tempo] as funções públicas para que, dentro de dois ou três anos, possa ser considerado como um candidato muito forte."

E quanto a Enda Kenny?

RM – Victor Ângelo:
"O Primeiro-Ministro da Irlanda, Enda Kenny, é um homem que tem estado no poder há muitos anos, do centro progressista, embora também seja membro do Partido Popular Europeu, por isso, do centro-direita europeu, ou seja, do mesmo grupo político de Donald Tusk. Mas Enda Kenny tem uma boa imagem, quer no seu país quer na Europa, e tem, além disso, uma característica que pode pesar nas deliberações, que é o facto de Enda Kenny ser, provavelmente, o único dirigente europeu neste momento que poderá estabelecer um relacionamento produtivo com o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump."

Mas o PPE já deixou claro que só apoia um candidato...

RM – Victor Ângelo:
"O Partido Popular Europeu vai para a cimeira com um candidato, que é Donald Tusk. Aliás, poderá ser o próprio Donald Tusk a sugerir que, tendo em conta que ele não tem o apoio do seu próprio governo, ele talvez não se sinta com condições políticas para continuar. Esse é um dos cenários possíveis."

Na agenda da reunião do Conselho Europeu desta semana está também a questão da cooperação na área da segurança e da defesa, entre outros temas. Em causa estão as conclusões da reunião de Dezembro do ano passado, que passaram pela reafirmação do compromisso de cooperação entre a União Europeia e a NATO. Depois das recentes visitas de dirigentes americanos à Europa, qual a importância destes laços?

RM – Victor Ângelo:
"A União Europeia chegou à conclusão que é preciso reforçar a cooperação com a NATO. Também chegou à conclusão que é preciso que a União Europeia tenha um sistema de defesa próprio que, embora ligado e integrado no sistema da NATO, tenha as suas características europeias, porque a Europa pensa que chegou a altura de tratar da sua própria segurança. E por isso, esta semana, vai ser estabelecido, pela primeira vez, um Estado-Maior militar operacional em Bruxelas. Ou seja, nós vamos passar a ter um Estado-Maior permanente no seio dos serviços de acção externa da União Europeia, que é um Estado-Maior militar que tratará das questões estratégicas e das relações diplomáticas relacionadas com as missões militares e de polícia existentes

neste momento em várias partes do mundo, e nomeadamente as missões que a União Europeia tem no Mali, na República Centro Africana e na Somália. Ou seja: nós estamos pouco a pouco a avançar para uma estrutura militar de defesa na Europa, mas sempre com a grande preocupação de que essa estrutura venha completar aquilo que a NATO está a fazer e não seja vista como uma dispersão de recursos e como uma tentativa de substituir a NATO."

A Agência Europeia dos Direitos Fundamentais celebra 10 anos. O jornalista Miguel Brandão, da Rádio Macau, traça o perfil desta entidade:

RM – Miguel Brandão:
"Criada em 2017, a Agência Europeia dos Direitos Fundamentais sucedeu ao Centro de Monitorização do Racismo e da Xenofobia da União Europeia.
A agência segue a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, que tem como objecto reforçar a protecção desses direitos num contexto de mudanças sociais e desenvolvimento científico e tecnológico.
À agência cabe implementar projectos e actividades específicos numa série de áreas, definidas num plano plurianual, revisto a cada cinco anos.
O próximo refere-se ao período entre 2018 e 2022.
Sedeada na capital austríaca, Viena, conta com 90 funcionários, além de peritos nacionais e estagiários."

Victor, não se tem falado muito desta agência da União Europeia. O que tem feito ao longo destes dez anos?

RM – Victor Ângelo:
"A agência é uma pequena agência baseada em Viena, mas é crucial que se fale nos direitos fundamentais e que haja uma pequena estrutura dentro da União Europeia que se preocupe com as questões de discriminação e de exclusão. Apesar de todas as conquistas democráticas e todas as liberdades existentes na europa, continua a haver discriminação. Há discriminação, por exemplo, em relação aos ciganos, há problemas de racismo, há discriminação com base no género, na origem étnica, há problemas de acesso à justiça, há cada vez mais uma grande frequência de crimes de ódio racial e tudo isso são áreas em que a Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia tem um papel a desempenhar. Tem desempenhado esse papel no sentido de que publica regularmente relatórios sobre estes diferentes temas e vai continuar a fazê-lo. É bom que os governos sabem que há uma agência independente na estrutura da

União Europeia que está a observar a maneira como a justiça, a liberdade, o acesso à igualdade são administrados na União Europeia."

Numa altura em que os direitos dos refugiados estão em risco e em que há países que falam em reduzir a liberdade de circulação no espaço europeu, quais devem ser as principais preocupações desta agência em 2017?

RM – Victor Ângelo:
"Por um lado, é fundamental ter uma atenção especial em relação às crianças migrantes isoladas, porque são extremamente vulneráveis a todo o tipo de crimes e todo o tipo de violências. Por outro lado, cada vez mais a questão da cibernética e da liberdade dos cidadãos, e da privacidade da vida dos cidadãos são temas importantes. E também a questão da administração da justiça. Em vários países, incluindo em Portugal, a questão da justiça é uma questão que precisa ser tratada a sério, precisa de uma reforma profunda. Muitas vezes o acesso à justiça está muito condicionado pela capacidade económica das pessoas, e, por outro lado, muitas vezes assistimos a processos extremamente lentos."

A análise de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

A fechar destacamos dois encontros que vão acontecer nos próximos dias em Macau. O jornalista da RTP José Manuel Rosendo e o autor português Henrique Raposo deslocam-se ao território a convite do Programa Académico da União Europeia para Macau. No sábado, dia 11, haverá o debate Europa, Refugiados e Terrorismo Islâmico, com Henrique Raposo e José Manuel Rosendo, às 19h00, no Edifício do Antigo Tribunal. É uma sessão que integra o programa do Festival Literário de Macau.

Na segunda-feira, dia 13, também no âmbito do Rota das Letras, Henrique Raposo desloca-se até à Universidade de Macau, onde vai falar pelas 18h30.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.